



Relatório Seminário de Acompanhamento 2015

Identificação

Área de Avaliação: Antropologia/Arqueologia

Coordenador de Área: Russell Parry Scott

Coordenador-Adjunto: Jorge Eremites de Oliveira

Coordenador-Adjunto Profissional: Neusa Gusmão

I. Considerações gerais sobre o Seminário

- i. Antropologia e Arqueologia recebeu uma presença ampla de representantes dos programas, incluindo Flávio (UFPI - arq), Maria Inés (UFPN), Andrea (UNB) Maria Elvira (UFRJ-Ant), Carlos Guilherme (UFRN), Elisete (UFRN), Edwiges (UFSC), Sidney (UFAM), Rita (UFRJ – arq), Paulo (UFS), Mísia (UFPE - ant), Camilo (UFG) Nádia (UFAL), Marcia (UFPB), Fabio (UFPA), Lea (UFC), Moises (UFMT), Andrés (UFMG), Loredana (UFPEL), Demétrio (UFPE – arq), Antonio (UNICAMP), Omar (UNICAMP), Geraldo (UFSCAR), Fernanda (USP), Carlos (UFRGS), Edilson (UFF). É uma das menores áreas do Sistema Nacional de Pós-Graduação, atualmente contendo os seguintes programas:

44 cursos, 27 programas acadêmicos: (6 de arqueologia, 21 de antropologia, dois dos quais são de antropologia e arqueologia, e um de antropologia, arqueologia, linguística de bioantropologia). Três dos cursos estão no seu primeiro ano de funcionamento, apenas um dos quais é num programa novo (os outros sendo expansão de mestrado para crescer doutorado). A maior expansão é no Norte e Nordeste, e, secundariamente no Centro-Oeste.

Crescimento de 30% no triênio anterior e tendência de estabelecer após subidas percentuais em cada triênio (cronologicamente, 9%, 21%, 30%, 30%)

Antropologia



Relatório Seminário de Acompanhamento 2015

Ufam MEST (Norte), UFAM DOUT (norte), Ufpa mest (norte), UFPA dout (norte), FUFPI mest NE. UFRN (mês), UFRN (dout), UFPB-J.P., UFPE (mest), UFPE (dout), FUFSE mest, UFBA mest, UFBA dout, UFRJ mest SE, Ufrj dout, UFF mest, UFF dout, UFMG mest, UFMG dout, UFSCAR mest, Ufscar dout, USP mest, USP dout, UNICAMP mês, UNICAMP dout, UFPR dout (sul), UFPR mest, UFSC mest, UFSC dout, UFRGS (mest), UFRGS (dout), UFPEL mest, UFMT mest (CO), UFGD mest, UFG mês, UFG dout, UNB mês, UNB dout

Arqueologia

Fufpi mest NE, UFPE mês, UFPE dout, FUFSE mest, FUFSE dout, UFRJ mest (SE), UFRJ dout (SE), USP mest, USP dout

- ii. A “Fotografia de Meio Termo” representa uma oportunidade de repensar em discussão coletiva e estabelecer estratégias para tomar decisões sobre várias questões no futuro e sinalizar preferências atuais. É uma experiência inusitada de ter acesso relativamente sistemático, mas ainda muito incipiente e preliminar, sobre como andam os programas depois de dois anos, e fornece uma meta para ir aperfeiçoando estas informações em tempo para informar ações, pelo menos, para o último ano do quadriênio, bem como para socializar as melhores maneiras de realizar e registrar atividades. Como a área depende fortemente da avaliação de livros, e também, numa parte muito menor mais não insignificante de produção audiovisual, a fotografia é muito limitada, especialmente quando se acrescenta o fato de ter havido problemas no registro de qualis de diversas publicações.
- iii. O fornecimento de tabelas excel com os dados dos anos de 2013 e 2014 sobre os indicadores acordados com os passíveis de entrar em consideração de acordo com a decisão da área, amplamente discutida nas 158ª e 159ª reuniões do CTC-ES, onde se acordou sobre a utilidade de apresentar sistematização dos dados e discutir com todos os programas informados sobre esses dados, foi útil para a área, porém os dados exigiam um tratamento com mais detalhe que seria possível pelas limitações técnicas da própria coordenação da área (mesmo podendo contar com ajuda de técnicos de CAPES), não foi suficiente para realizar tabelas sobre cada indicador quantitativo. Adicionalmente vale ressaltar que muitos dos dados importantes da área são examinados com metodologias qualitativas, não aplicáveis no contexto do seminário do acompanhamento.



Relatório Seminário de Acompanhamento 2015

iv. Descrever a metodologia adotada pela área para a realização do seminário

Para o seminário usamos uma lista de email (círculos google) que se atualiza com regularidade e que veiculou as informações que discutiríamos. Foram enviados preliminarmente para todas as coordenações 1) as tabelas de classificação de qualis periódicos, 2) um power point com alguns dados mínimos comparando produção em periódicos e em outros meios (apenas números sem qualificação) por programa e categoria e calculando produção regional, 3) cópia do documento da área, 4) cópia dos resultados do triênio anterior com especificação de cálculos, 5) o power point apresentado pela coordenação da área para o triênio de 2010-2012, e 6) os dados brutos de 2013 e 2014 com correções nos qualis periódicos (estratos, omissões) feitas pela coordenação. Também se enviou a agenda da reunião, e esta agenda foi respeitada por inteiro na reunião (10:00-18:30 dia 24, e 9:00 – 17:00 dia 25 de setembro), com exceção das visitas solicitadas a técnicos da CAPES que esclareceram diversas questões a todos. A fotografia do meio termo é muito preliminar, e depende muito de novas comissões e qualis (livros e audiovisual), então preferiu-se não insistir na comparação entre programas na hora do seminário, formando comissões para realizar os trabalhos por internet e em reuniões posteriores à data do seminário, tomando em conta que estamos num período de reflexão sobre os instrumentos e indicadores.

v. Não estabelecemos de antemão comissões para trabalhar assuntos específicos para o próprio seminário, mas

- formamos uma comissão para examinar o documento da área e produzir dados comparativos com a base existente [Parry Scott -coordenador da área, Jorge Eremites -coordenador adjunto, Neusa Gusmão -coordenador dos mestrados profissionais, Camilo (UFG), Mísia (UFPE - ant), Andrés (UFMG) Antônio Guerreiro (UNICAMP), Andrea (UNB), Flávio (UFPI), Edviges (UFSC), Nádia (UFAL), Rita (UFRJ), Maria Inés (UFPN) Elisete (UFRN) e Demétrius (UFPE – arq)]; reafirmamos a composição ampliada de comissão de qualis periódicos (Parry Scott (UFPE), Jorge Eremites (UFPEL), Neusa Gusmão(UNICAMP), Rita Schel-Ybert (UFRJ), Lia Zanotta (UNB) e outros para substituir de acordo com períodos futuros e disponibilidade;
- estabelecemos critérios para a formação das outras duas comissões (qualis livros e qualis audiovisual)- **qualis livros** [a) a preservação e a renovação parciais do comitê, b) as notas dos programas, c) as regiões, d) a presença de arqueologia e antropologia, e e) os integrantes não serem coordenadores, mesmo que se pedirá indicações de coordenadores de programas de acordo com estes critérios /para compor a comissão, já que não é visto como compatível ser coordenador e participar de esta



Relatório Seminário de Acompanhamento 2015

comissão. Para esta comissão se imagina uma reunião demorada (de uma semana inteira de estabelecer critérios e examinar a produção de dois anos, tendo definido onde enviar os livros e como realizar o trabalho através de internet antes de realizar a reunião – provavelmente no início de 2016), seguido por mais duas, uma com a produção de 2015 e outra com a produção de 2016. Contato via internet será muito importante ao longo do processo]. Esta comissão, durante o período pós-seminário teve a sua composição mais elaborada (sabendo que haverá inclusões e exclusões de acordo com os parâmetros de integrantes permitidos pela CAPES na ocasião das reuniões presenciais) (integrantes, Parry Scott, Eduardo Góes Neves (USP-arq)(Eliane O’Dwyer –UFF-ant)(Roberta Campos – UFPE – ant)(Carlos Stiehl – UFRGS-ant)(Jorge Eremites de Oliveira- UFPEL – arq), (ainda compondo, com aceitações quase completas, entre indicados de coordenações de UFMG-arq, UFPA – ant/arq, UFRN - ant, UFG-ant, UNB-ant, UNICAMP – ant).

- Estabelecemos os mesmos critérios para **qualis audiovisual**, com a única diferença sendo o respeito aos programas que efetivamente estão trabalhando com esta produção, que não é obrigatória para a área. Os convites foram enviado a integrantes das comissões anteriores e a alguns novos integrantes, mas ainda se aguarda confirmação: de entre as comissões anteriores Clarice Peixoto (UERJ – antr/soc) Ana Luiza Rocha (UFRGS - ant), Carmen Silvia Rial (UFSC) Carlos Etchevarne (UFBA), Lisabete Coradini (UFRN), Loredana Ribeiro (UFPEL - arq), Claudia Turra Magni (UFPEL – ant) Ruben Caixeta de Queiroz (UFMG) e Daniel Simião (UNB), e entre indicações de coordenações de outros programas (UFPA) (UFAM)(UFRJ-ant)(UFSCAR)(UFPN)(UNICAMP), novamente, respeitando os limites numéricos na realização de reuniões presenciais



Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES
Diretoria de Avaliação - DAV

Relatório Seminário de Acompanhamento 2015

II. Dados Quantitativos e Qualitativos (Plataforma Sucupira- Anos base 2013 e 2014)

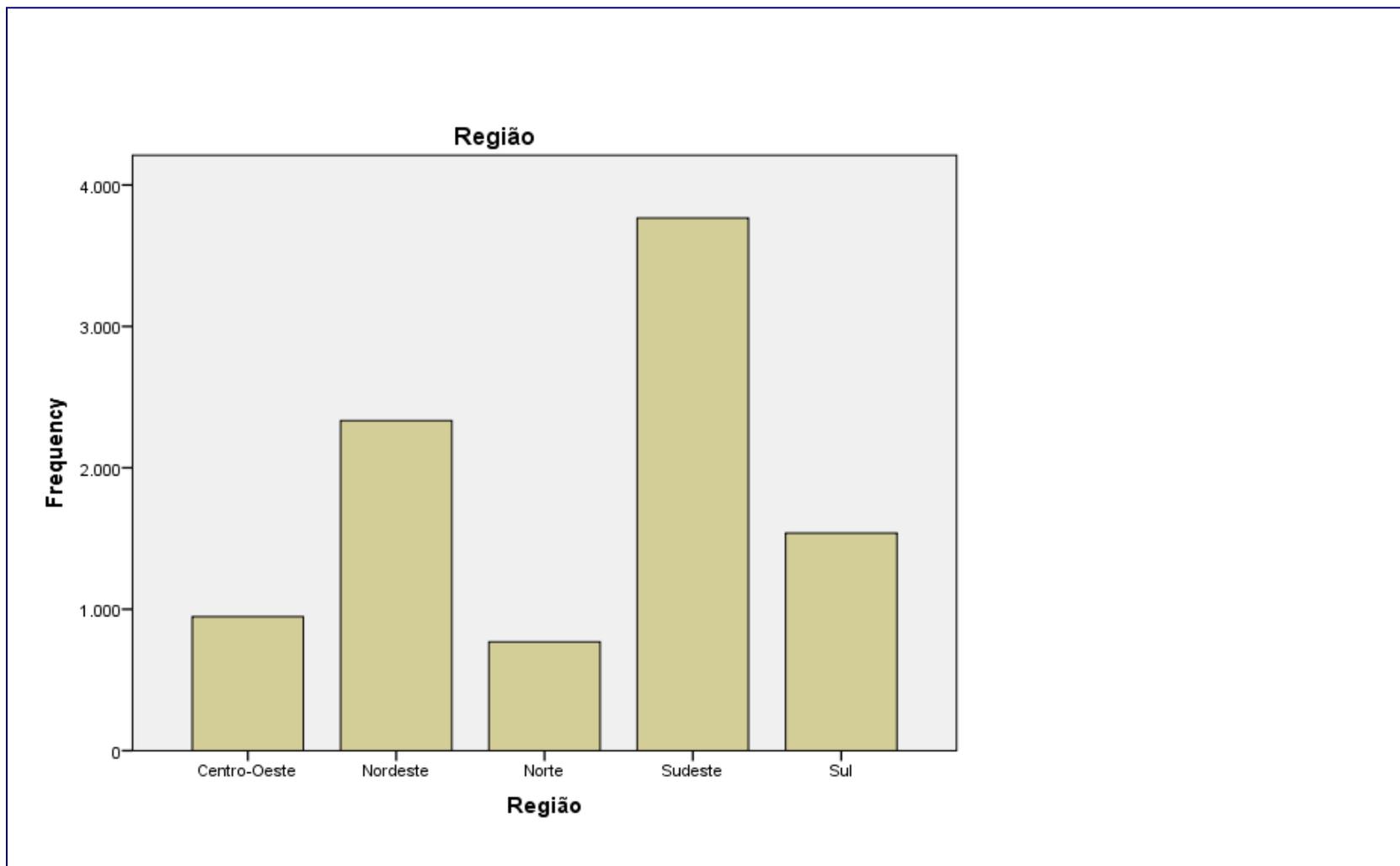
– algumas frequências dos dados de 2013-2014 – Antropologia e Arqueologia

Dados preliminares sujeitos a verificação

Primeira noção comparativa de
produção
Antropologia e Arqueologia



Relatório Seminário de Acompanhamento 2015



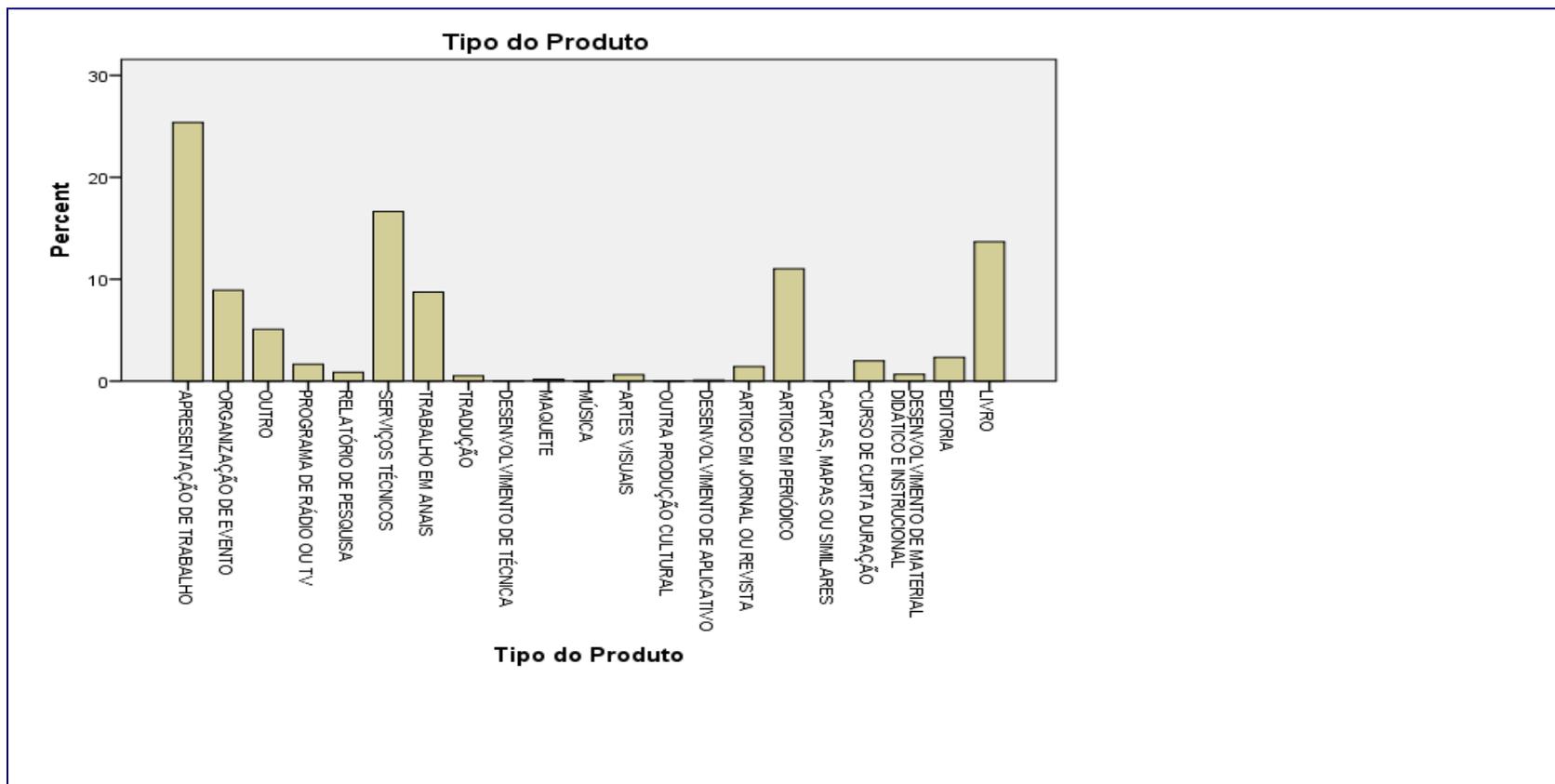


Relatório Seminário de Acompanhamento 2015

Região		
	Frequency	Percent
Centro-Oeste	948	10,1
Nordeste	2333	24,9
Norte	769	8,2
Sudeste	3766	40,3
Sul	1538	16,4
Total	9354	100,0

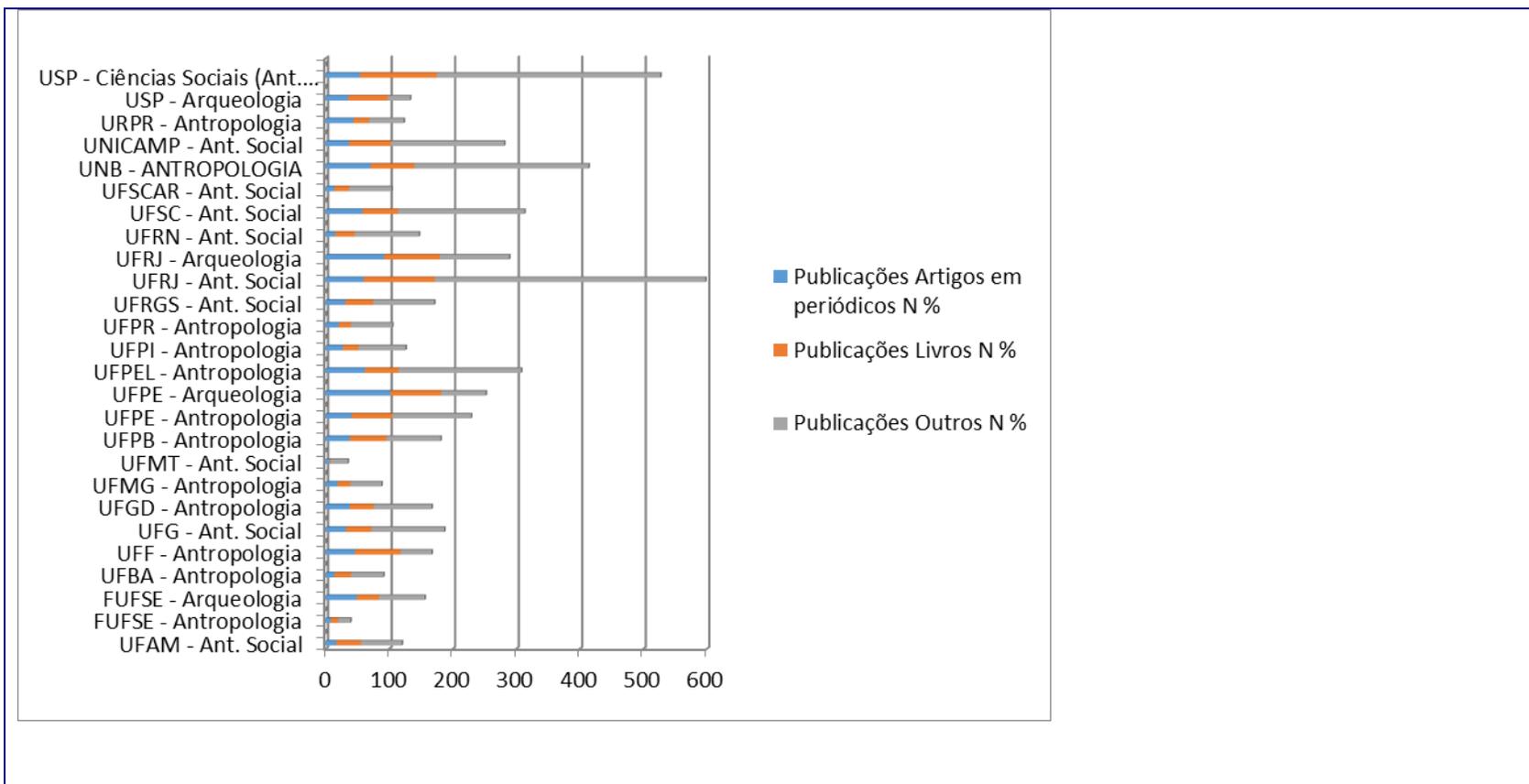


Relatório Seminário de Acompanhamento 2015



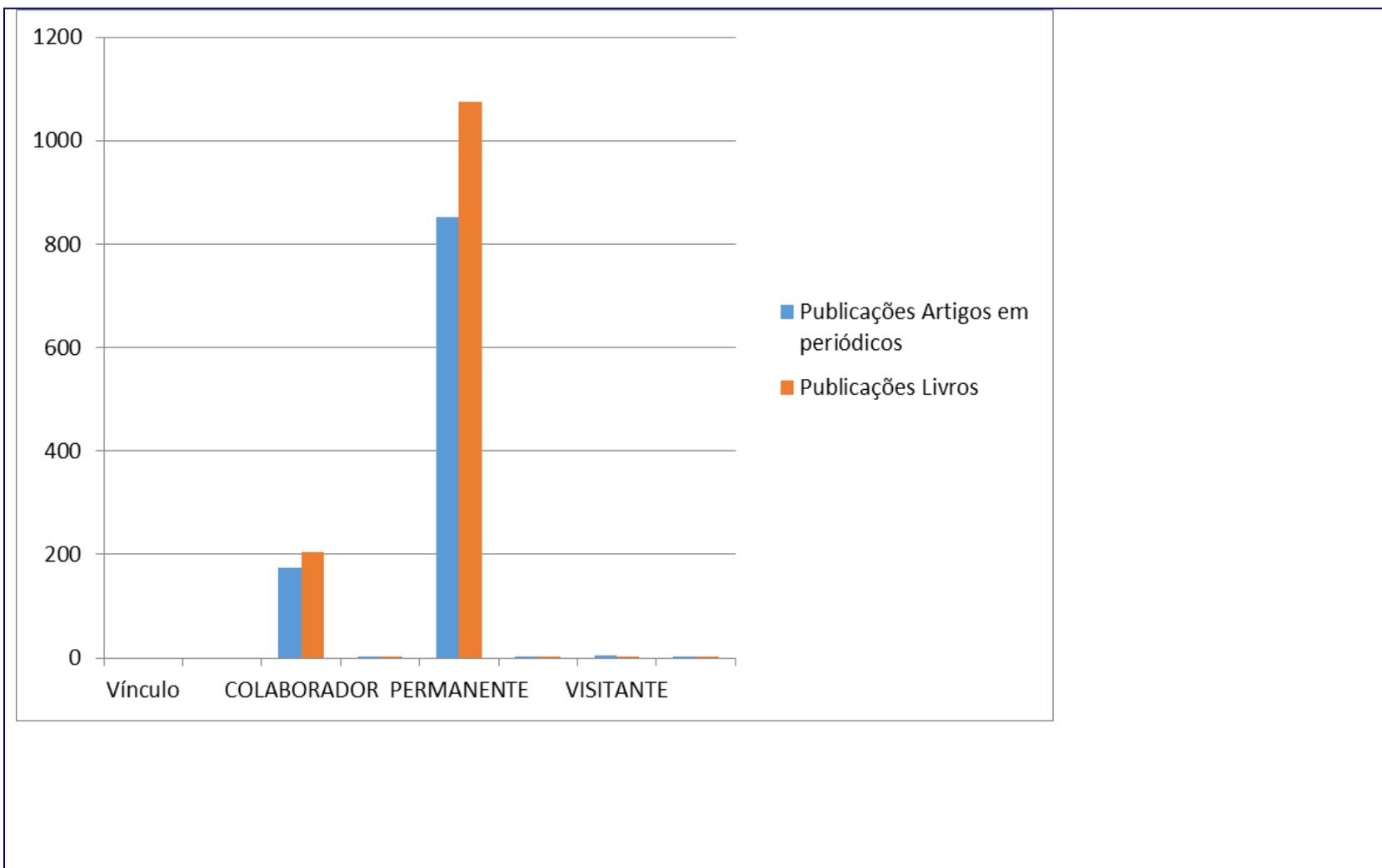


Relatório Seminário de Acompanhamento 2015





Relatório Seminário de Acompanhamento 2015



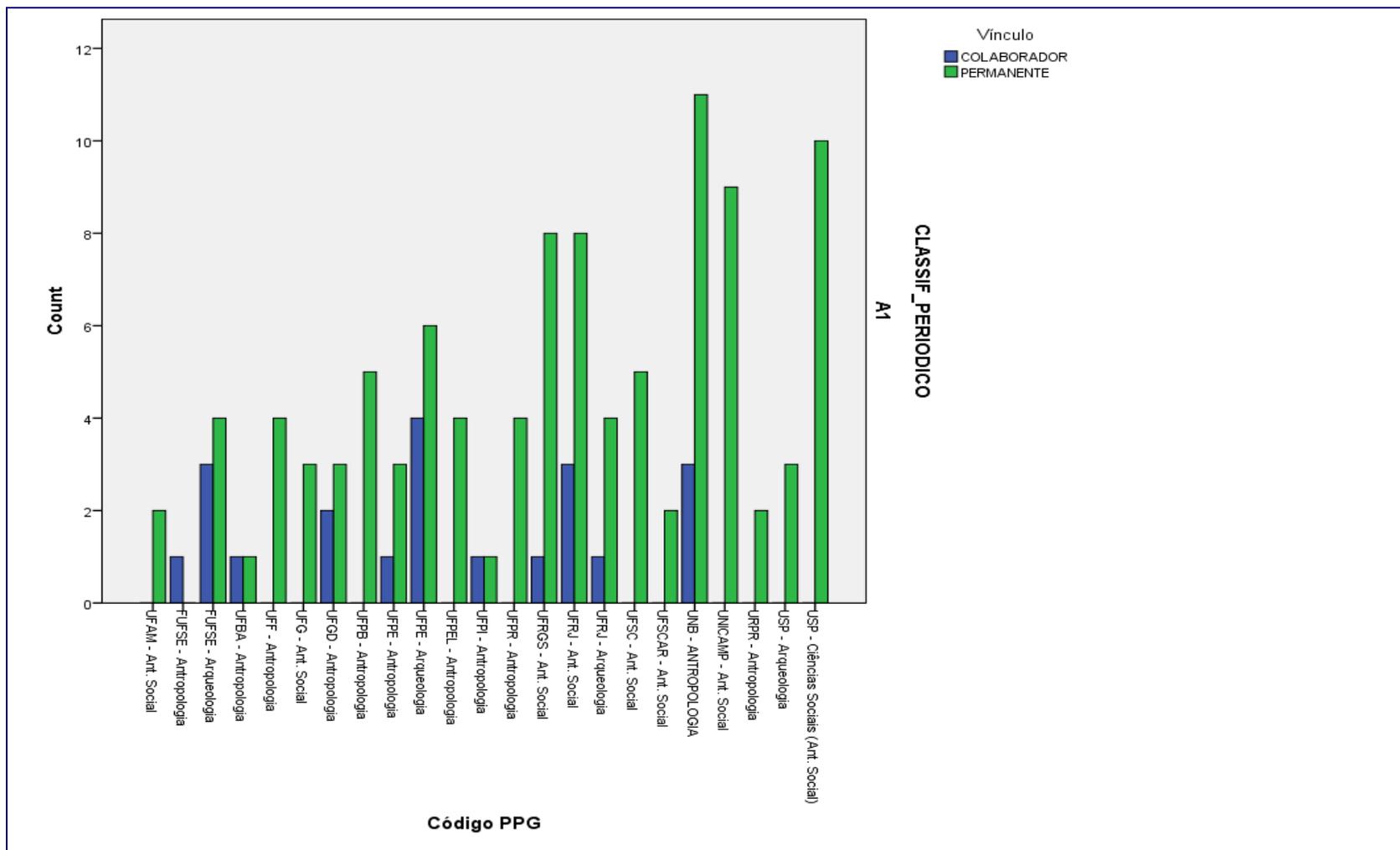


Relatório Seminário de Acompanhamento 2015

	Publicações	
	Artigos em periódicos	Livros
Vínculo	N	N
	%	%
COLABORADOR	175 25,10%	205 29,40%
PERMANENTE	853 18,50%	1074 23,30%
VISITANTE	4 10,80%	1 2,70%



Relatório Seminário de Acompanhamento 2015





Relatório Seminário de Acompanhamento 2015

Tipos de trabalhos apresentados		Regiões				
		Centro-Oeste	Nordeste	Norte	Sudeste	Sul
		N	N	N	N	N
	Programas	3,5	10	2	8	4
	Docentes	47	121	31	138,5	68
APRESENTAÇÃO DE TRABALHO	Total					
	Por programa	346 98,9 7,4	483 48,3 4,0	187 93,5 6,0	933 116,6 6,7	426 106,5 6,3
	Por docente					
ORGANIZAÇÃO DE EVENTO	Total	117	235	88	274	121
	Por programa	33,4	23,5	44	34,3	30,3
	Por docente	2,5	1,9	2,8	2,0	1,8



Relatório Seminário de Acompanhamento 2015

SERVIÇOS TÉCNICOS	Total	107	430	99	628	293
	Por programa	30,6	43,0	49,5	78,5	73,3
	Por docente	2,3	3,6	3,2	4,5	4,3
TRABALHO EM ANAIS	Total	65	332	79	207	135
	Por programa	18,5	33,2	39,5	25,9	33,8
	Por docente	1,4	2,7	2,5	1,5	2,0
ARTIGO EM PERIÓDICO	Total	103	294	105	358	172
	Por programa	29,4	29,4	52,5	44,8	43
	Por docente	2,2	2,4	3,4	2,6	2,5
LIVRO	Total	109	331	104	564	172
	Por programa	31,1	33,1	52,0	70,5	43,0
	Por docente	2,3	2,7	3,4	4,1	2,5

III. Análise Geral e “estado da arte” da área

A. Parry Scott apresentou a produção intelectual distribuída por regiões e sua avaliação sobre o sistema “Lattes, Sucupira, Documento da área” com as tabelas e gráficos apresentados acima. Insistiu na provisoriedade devido aos problemas na base de dados e às próprias dificuldades que ele sente no manuseio dos dados.

B. Aproveitando os elementos incluídos num texto escrito para apresentação numa reunião da Associação Brasileira de Antropologia, o coordenador abriu um diálogo sobre as diversas interpretações de importância e medidas quantitativas e qualitativas usadas com mais detalhe. Estas várias questões sobre temas para AVALIAÇÃO foram debatidos por todos e



Relatório Seminário de Acompanhamento 2015

incluíram:

- 1) docente permanente e docente colaborador e as lógicas e estratégias de uso das categorias na criação de informação sobre as diversas atividades do programa ;
- 2) coautoria(docente e discente, por exemplo) discutindo a tendência de insistir na Departamento de Avaliação de CAPES de registrar uma única vez uma produção por categoria de autor, sem, no entanto ter os meios de assegurar que isto ocorra. Falou (sem chegar a nenhum consenso, menos o de não restringir de imediato) de co-autorias por dois docentes do mesmo programa valendo uma ou duas produções [ressaltando que nos locais que trabalham em equipes isto inflaciona a produção de uma forma de uma vez artificial numericamente mas positivo no sentido de mostra colaboração], menos problemática é a continuação de registro quando quem produz é de diferentes categorias (docente do programa, discente, egresso, integrante de outro curso que registra nos dados do outro programa);
- 3) endogenia – exogenia, onde se explorou as implicações do uso de práticas de intensificar a participação de integrantes dos programa nos veículos e atividades que lhes pertencem como uma maneira que perpetua diferenciações, mas que retrata o real e esperado cotidiano de cooperação acadêmica, mas alertando sobre possíveis classificações errôneas auto-promotoras (de programas-Sucupira e/ou indivíduos-Lattes) nos quais resenhas, prefácios, traduções terminam aparecendo com se fossem artigos plenos [apenas para dar um exemplo – e informando da necessidade de estar atento a isso]; etc.);
- 4) produção técnica (laudos, pareceres ad hoc etc. e inserção social foram discutido em conjunto com uma ênfase sobre a irregularidade das categorias e do que representam enquanto à produção havendo possibilidade de incluir no mesmoo item ou um parecer para uma revista, ou um relatório de parecer extenso e trabalhoso que inclui pesquisa de campo e centenas de páginas de redação cuidadosa como sendo equivalentes - ou seja, a captação da exigência de qualidade e trabalho diferenciada é muito difícil);
- 5) sobre mestrados profissionalizantes se lembrou o único que já existiu na área, e que fechou com problemas de apoio institucional e demanda e discutiu a possibilidade de aderir à realização destes tipos de cursos, pensando perfis que respondessem a demandas no mercado de trabalho (não especificamente acadêmicas, mas com igual demanda de conhecimento acadêmico) e se verificou ainda uma certa relutância em investir nisso na nossa área, mesmo reconhecendo que estamos envolvidos em muitos cursos de capacitação, especialização e habilitações específicas. Pensou sobre os níveis de



Relatório Seminário de Acompanhamento 2015

regulamentação de profissionais para exercer muitas atividades como uma questão merecedora de muita reflexão;

- 6) abriu a questão de consultas realizadas especialmente por antropólogos em cursos de ciências que são regidos pela área de sociologia sociais (mas também em outros cursos interdisciplinares) e o diálogo advertia para cautela, mas para uma certa abertura, mesmo com os programa sabendo que teriam que usar as medidas de avaliação da nossa área de Antropologia/Arqueologia e concordar em serem regidas por elas;
- 7) os coordenadores dos cursos, em resposta a uma questão trazida pelo coordenador representante da UFRGS, se mostraram favoráveis a um possível ampliação do número de orientações permitidos, diferente do 3 a 8 no documento da área);
- 8) interiorização, crescimento e hegemonia introduziu uma questão sobre a composição dos quadros de corpos docentes dos diversos cursos e a intensidade da sua relação com práticas de endogenia ou de diversificação, para entender o que está acontecendo com a) a atribuição de notas, b) as práticas de cooperação, e c) o crescimento da área para o norte, centro-oeste, e nordeste;
- 9) ao falar sobre internacionalização que é um critério forte diferenciador para cursos atingiram os níveis de 6 e de 7 permitiu uma diálogo rápido sobre qualidades de veículos e produção escritas, participação em eventos internacionais e apoio diferencial de recursos para reforçar essa internacionalização a partir de certos locais, com todos reconhecendo que é importante internacionalizar, mesmo se não seja viável usar os mesmos “fatores de impacto” que usam internacionalmente para compreender a internacionalização;
- 10) defendeu-se a política de informações abertas e ressaltou a importância da manutenção do acesso gratuito ao portal de CAPES, sem cortes;
- 11) chamou atenção a uma incongruência no tempo permitido para defesa de mestrados e de doutorados (os doutorados não incorporando tão plenamente o período de prorrogação permitido pela maioria das instituições) e se lembrou que cada programa é também regidos pelos estatutos das suas universidades, destoando-se ou não dos critérios da área de CAPES;
- 12) um ponto que foi introduzido pelos representantes dos programas foi o sobre o peso de produção discente na avaliação dos programas e foi decidido que seria visto com cuidado não somente no seminário, mas depois na discussão do documento da



Relatório Seminário de Acompanhamento 2015

área;

- 13) foi discutido com ponto de apreensão geral como será realizada a qualificação de livros, onde se situou nas restrições colocadas em adiantar estas discussões nas reuniões de coordenadores de área no Conselho Técnico e Científico do Departamento de Avaliação, que apenas recentemente sinalizou uma abertura para iniciarmos a realização das reuniões nos próximos meses, e foi ressaltado que tínhamos tido bastante sucesso no uso do roteiro de classificação de livros (Qualis livro – Plataforma da UFRGS) mas que o nosso documento de área precisa ser cuidadosamente revisto enquanto aos pesos dados a diferentes itens e ao emprego de critérios quantitativos ou qualitativos, sendo reconhecido que isto teria que ser feito por uma comissão específica formada ou durante ou posterior ao seminário do acompanhamento;
- 14) semelhantes preocupações foram externadas sobre o Qualis áudio-visual, especialmente devido a ser um instrumento mais recente e muito merecedor de aperfeiçoamento, e
- 15) também foi levantado que seria interessante discutir a média de disciplinas por professores do quadro permanente nos PPGs, mas este assunto não foi possível aprofundar pela necessidade de iniciar a discussão do documento de área
- 16) Recebemos visitas esclarecedoras que provocaram bom diálogo entre técnicos e coordenadores/representantes da área, sobre o uso da sucupira, o confecção dos dados pela base excel enviado para todos, os problemas no orçamento e as expectativas sobre bolsas internacionais (inclusive, anteriormente, a abertura e a apresentação do manifesto de Leiden e a equipe da CAPES e da DAV sendo bastante importante para todos).

C. Como introdução à discussão do documento da área, foi rapidamente lembrado que a nossa área determinou, dentro dos limites permitidos pela CAPES, pesos de Coerência da Proposta (0%), Produção Intelectual: 40%; CorpoDiscente e Trabalhos de Conclusão: 30%; Inserção Social: 10%; Corpo Docente: 20%. Parry Scott explicou os percentuais específicos para cada um desses itens, e no outro dia se sugeriu uma modificação subindo Inserção Social para 15% e diminuindo produção intelectual para 35% em respeito à importância de diversos tipos de produção técnica e acadêmica que se associa ao envolvimento com as pessoas e grupos estudados e que colaboram com a área.



Relatório Seminário de Acompanhamento 2015

IV. Orientações e recomendações para os PPGs das áreas

Não se sistematizou uma lista de orientações e recomendações, mas algumas questões ficaram muito claras:

- a) **A impossibilidade de realizar uma comparação realista sem ter realizado uma classificação de qualis livros que é uma produção fundamental para a área**
- b) **A provisoriedade dos dados e decisões no meio termo como um elemento positivo que permite estudos e decisões mais intensivos e mais ponderados sobre indicadores e instrumentos.**
- c) **A necessidade de realizar as reuniões de outras comissões o mais rápido possível com uma metodologia que não será questionada pelo DAV (livros e audiovisuais)**
- d) **A importância de instâncias de reuniões de sociedades e associações para as discussões sobre estes assuntos (SAB, ANPOCS, ABA)**
- e) **Dentro do período necessário para incorporar as medições de livros (e antes se isso demorar mais), criar um conjunto de tabelas e quadros com base nos indicadores adaptados usados no triênio anterior e outros julgados interessantes como novos indicadores (ou interessantes de serem indicadores suprimidos), com a expectativa de ter isso pronto para o primeiro semestre de 2016**
- f) **A busca de produção qualificada em periódicos, livros e audiovisuais.**
- g) **Continuar o debate dos pontos levantados na discussão relatada acima.**